

Ester Damasceno  
Júlia Barbosa

---

# MATERNIDADE: POR QUE NÃO?

---



# AUTORAS

---



## Ester Damasceno Ribeiro Miranda

é psicóloga pelo Centro Universitário Mário Palmério - Unifucamp e Especialista em Psicanálise pelo Instituto Suassuna. Atua nas áreas de Perinatalidade - com o pré-natal psicológico e o acompanhamento de mulheres antes e depois do parto, e Parentalidade - fazendo o acompanhamento psicológico das relações da família e do casal.

## Júlia Barbosa de Melo Fabrini

é médica pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e Ginecologista e Obstetra pela FHEMIG - Hospital Júlia Kubitschek em Belo Horizonte. Acompanha gestantes desde o pré-natal até o pós-parto e cuida saúde da mulher em geral - de crianças e adolescentes até mulheres na menopausa.



# SUMÁRIO

---

1. História da maternidade

2. Maternidade na modernidade

3. Porque não...

4. Por que não?



# 1. História da maternidade

A maternidade como conhecemos hoje é diferente da maternidade do passado. Visitando a história, vemos que ao longo do tempo foi acontecendo uma construção social para que a maternidade fosse vista como algo desejável e admirável na vida da mulher.



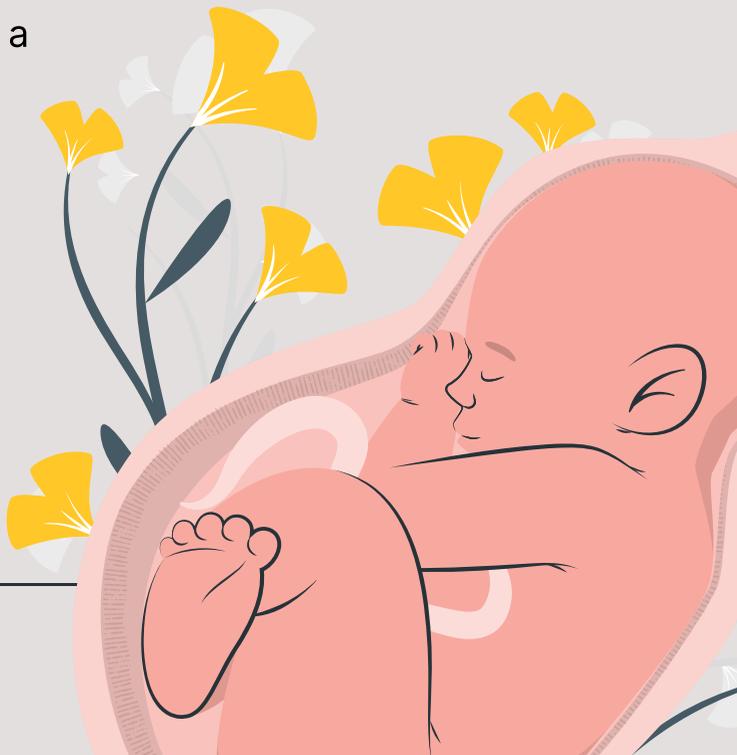
No século XVI, os recém-nascidos eram entregues a uma ama de leite, que amamentava e cuidava da criança nos seus primeiros anos de vida. Com isso, muitos bebês morriam por falta de afeto e vinculação. Nesse período, o abandono de crianças e o infanticídio eram praticados com frequência, mostrando que a sociedade não encarava a maternidade como a vemos hoje, e que havia uma “indiferença materna” na época.

Podemos já perceber que **o amor materno não é um instinto, mas sim um sentimento que está sujeito a imperfeições, oscilações e transformações.**



Já no século XVIII, começou a ser introduzida a concepção de um amor materno que seria fundamental para o desenvolvimento da criança e da sociedade como um todo. Essa concepção nada mais era do que o incentivo para que as mulheres voltassem sua atenção para seus bebês desde os primeiros dias de vida, visando a sobrevivência dos mesmos, já que a mortalidade infantil era crescente.

Cuidados com o bebê, aleitamento materno e amor materno passaram a ser temas promovidos nesse contexto e práticas como a recusa de amamentar e a tentativa de aborto passaram a ser consideradas criminosas.



A partir do século XIX, a mãe passa a ser reconhecida na sociedade não apenas pela função biológica de nutrição, também pela função social de ensinar e educar o filho. Ou seja, a função materna foi se alterando ao longo do tempo conforme os interesses da sociedade.

**A história acaba mostrando que o amor materno é uma construção e não um instinto que a mulher carrega consigo.**

**Por isso, podemos afirmar que a mulher aprende a ser mãe à medida que ela tem seu filho e começa a conhecê-lo, desenvolvendo sua maternagem de uma maneira singular, levando em consideração suas vivências enquanto mulher, esposa, filha e, agora, mãe.**



## 2. Maternidade na modernidade

Na modernidade, maternidade passou a ser vista como um problema para várias mulheres. Ter filhos se tornou sinônimo de sacrifícios, rotina frustrante e até mesmo como ameaça à estabilidade da carreira, do casal e das finanças. Assim, muitas mulheres acabam optando pela não-maternidade porque entendem que a vida pode ser emocionante e satisfatória sem ela. Outras adiam ter filhos, já que os melhores anos para a consolidação da carreira profissional colidem com os melhores anos (biologicamente falando) para se engravidar. Essa busca do tempo ideal para ter o bebê – profissão consolidada, vida financeira estável e casamento saudável – pode levar a uma prorrogação longa e acabar inviabilizando a maternidade.



Muitas mulheres afirmam estar bem sem filhos, já que, ser mãe, algumas vezes, exige abrir mão de seu estilo de vida, de seus sonhos e do conforto que elas lutaram tanto para alcançar. Além disso, gerar um bebê mexe com toda a estrutura física e emocional da mulher, o que para muitas é inaceitável, visto que ao longo da vida suas energias foram sendo empregadas na construção de um corpo “perfeito” para, então, se chegar no auge do “ideal de mulher”.

Temos visto o discurso da “**maternidade real**” sendo disseminado. Esse discurso se encarrega de mostrar às mulheres o lado difícil da maternidade e pretende conscientizá-las sobre tudo que ela pode enfrentar ao ter um filho. A “maternidade real” leva em consideração as dores físicas e emocionais que a mãe sofre, além da falta de tempo, da privação do sono, da solidão, da falta de uma vida social, das dificuldades ao amamentar, da possibilidade de uma depressão pós-parto e de não se reconhecer mais como mulher, sendo reduzida apenas a “mãe do fulano”.

O grande problema desse discurso é que, muitas vezes, ao contrário de conscientizar a mulher daquilo que ela pode vir a experimentar, ele acaba assustando-a e, conseqüentemente, ela escolhe não ser mãe diante do terror que lhe é apresentado sobre a maternidade.

Porém, devemos considerar que a experiência de matinar é única para cada mãe, ou seja, nem todas passarão por dificuldades na amamentação, pela depressão ou pela privação do convívio social.



O discurso da “maternidade real” aparece para contrapor o discurso da “**maternidade romantizada**”, que leva em consideração a alegria de ter um filho, a realização pessoal da mulher em poder gerar uma vida e a completude no âmbito familiar. Essa narração da “maternidade romantizada” enfatiza que o maior amor do mundo é o amor de uma mãe, ou seja, a mulher que não tem filhos não conhece o amor de verdade, sendo uma mulher incompleta e, conseqüentemente, infeliz. A romantização da maternidade também afirma que todos os sofrimentos e angústias que uma mulher enfrenta na sua maternidade é pouco e suportável em comparação a alegria de ser mãe. Sendo assim, essas ideias acabam gerando mais sofrimento para aquelas mulheres que não conseguem ter filhos e acabam produzindo um sentimento de culpa naquelas mães que estão sofrendo na maternidade.



O discurso da “maternidade real” tem se sobressaído ao discurso da “maternidade romantizada” e, também por isso, acreditamos que as mulheres tem optado pela não-maternidade. Vale ressaltar que **nenhum dos dois discursos é saudável, pois eles acabam categorizando a maternidade, o que seria um erro, já que maternar diz muito sobre a individualidade de cada mulher**, jpa que ela acaba construindo sua maneira de ser mãe mediante as suas crenças, experiências e visão de mundo.

Devemos falar sobre as questões da maternidade enfatizando a singularidade de cada experiência e apresentando realidades distintas para que a mulher esteja consciente do que as outras passam e possa entender um pouco da realidade do mundo materno, tendo em mente que, na sua vez, algo do que ela ouviu pode se reproduzir ou não.



Além de tudo que mencionamos, a escolha de ter filhos passa por questões inconscientes de cada mulher e isso deve ser levado em consideração, pois, muitas não desejam se tornar mães por medo de repetirem as vivências traumáticas da infância, ou até mesmo por um sentimento de incapacidade.

Vale a pena refletir sobre as seguintes questões:

- **Quero ter filhos para quê?**
- **Existe um lugar emocional para essa criança?**
- **O bebê vem para cumprir a missão que os pais não conseguiram?**
- **Quero ter filhos para cumprir uma exigência da sociedade?**
- **A criança é fruto do desejo do pai e da mãe?**
- **Existe lugar para o bebê nessa família?**



### 3. Porque não...

De acordo com pesquisa realizada em 2021 pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a idade média das mulheres que engravidam no Brasil subiu ainda mais. Nos últimos 10 anos, as mulheres de 36 a 39 anos de idade engravidaram 63% a mais do que na década anterior, enquanto a faixa de idade abaixo dos 19 anos caiu mais de 23%.

São muitos os motivos pelos quais a mulher decide postergar esta decisão, dentre eles:

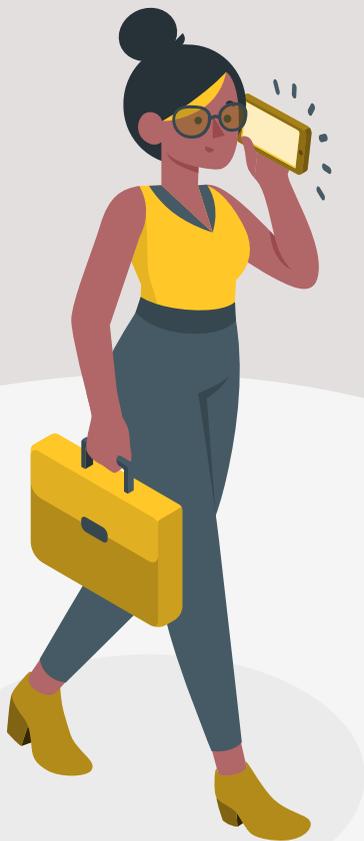


## **1. Desejo de crescer profissionalmente e ter maior independência financeira**

A consolidação da mulher no mercado de trabalho atrasa ainda mais a decisão da hora certa de engravidar. Cada vez mais, as mulheres desejam alcançar cargos altos e de grande responsabilidade além de se estabilizarem financeiramente para não dependerem somente do salário do parceiro.

## **2. Não ter parceiro fixo**

A mulher segura e independente não aceita mais certos comportamentos masculinos e tem mais dificuldade de estabelecer relacionamentos duradouros.



### 3. Maior conhecimento e acesso aos métodos anticoncepcionais

Com a ampla divulgação de informações na internet, em meios de comunicação simples do cotidiano - como o Instagram, as mulheres estão mais cientes dos métodos anticoncepcionais existentes e têm aumentado a busca por eles, diminuindo a porcentagem de gravidezes indesejadas.

Além disso, nos últimos anos os métodos anticoncepcionais avançaram e estão mais duradouros. Atualmente, são conhecidos como LARCS (*Long Acting Reversible Contraception*) que são métodos reversíveis e de longa duração, que podem variar de local de inserção, seja dentro do útero (conhecidos como DIU's - Dispositivos Intra-uterinos) ou até no braço (chip) e variar também do tempo de duração, seja de 3 a 10 anos.



## 4. Avanço das técnicas de reprodução assistida e congelamento de óvulos

Atualmente, as técnicas de reprodução assistida permitem que a mulher engravide mais tarde. O congelamento de óvulos tem sido uma opção muito procurada pelas mulheres que querem adiar a maternidade, seja pela falta do parceiro ou por não saberem qual é a hora certa.

Caso este procedimento seja feito antes dos 35 anos, o óvulo mantém a jovialidade sem aumentar o risco das doenças cromossômicas ou de abortamentos como seria de forma natural.

O custo é, em média, de R\$ 20 mil para coleta inicial de óvulos e R\$ 1.400 por ano para manutenção do congelamento.



## 5. Ansiedade e medo

Ansiedade e Depressão são doenças muito prevalentes no século XXI, que acometem cerca de 300 milhões de pessoas, de todas as idades e em todo o mundo, de acordo com a OMS - Organização Mundial de Saúde. Desta forma, também acometem mulheres na idade reprodutiva que podem vir a desenvolver medo generalizado de tudo que envolve a gravidez: sexo, gravidez, parto, maternidade, amamentação, etc.. Trata-se de um transtorno psiquiátrico que pode silenciar o desejo de ser mãe. Porém, muitas mulheres não consideram que este seja um transtorno e por isso não buscam ajuda. Tal situação merece acompanhamento médico e psicológico para melhora do quadro e com objetivo de entender ao certo porque esta mulher afirma não querer ser mãe, de onde vem este medo, a que este medo está relacionado.



## 4. Por que não?

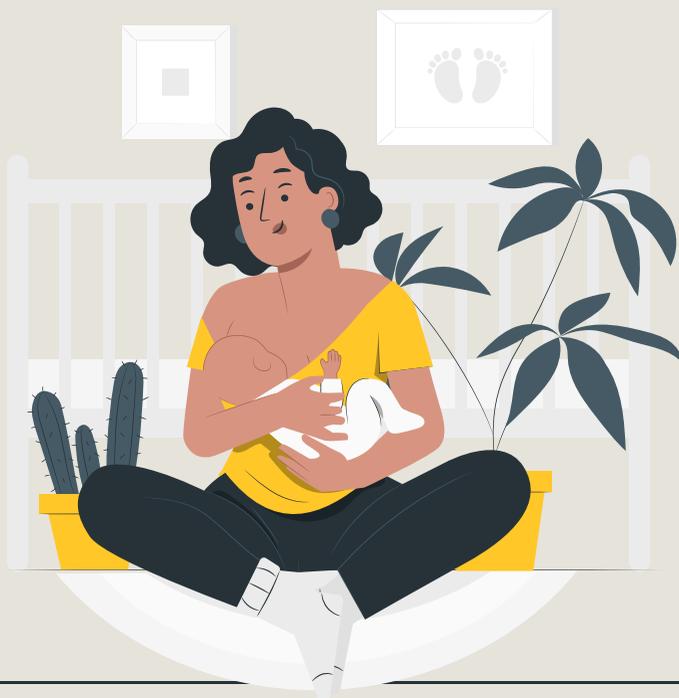
A mulher moderna foi impactada por influências externas que a afastaram da sua essência feminina e dificultam sua capacidade de se relacionar consigo mesma, com Deus e com os homens. Ao longo dos anos, a mulher aprendeu a lutar e ser uma guerreira, mas quanto mais se esforçou, mais se afastou de tudo o que queria viver.



O desejo de toda mulher é se sentir segura e amada, dar e receber e carinho. Mas, não é possível ser assim sendo a mulher masculina que o mundo nos impõe ser: sempre correndo contra o tempo, longas jornadas de trabalho, às vezes mais de uma atividade exercida no mesmo dia e muito cansaço. Desta forma, ela não tem tempo para ser feminina e acabou se afastando da sua essência.



O primeiro pilar da feminilidade é **NUTRIR**. Nutrir é criar as condições para que as pessoas possam viver. O ser humano só nasce depois de ser nutrido por nove meses de gestação por uma mulher. Por isso, a maternidade é o ápice da feminilidade. Ser mãe é uma condição exclusiva da mulher e não existe nenhuma experiência semelhante a receber uma alma no útero, transformar dentro de si em uma pessoa e se desenvolver como ser humano.



É inquestionável que gestar exige muito da mulher. A chegada do bebê propõe mudanças na rotina da casa, do casal e da vida da mulher que exigem algumas adaptações. Principalmente quando, após a licença maternidade, a mulher precisa retornar ao seu trabalho e se dividir entre a maternidade, o cuidar, o educar e o trabalho. Essa não é uma tarefa fácil, porém deve ser encarada como um novo desafio.

Tudo muda de perspectiva quando se tem um motivo maior que agora é a vida e a presença dessa nova vida na família. Quando nasce um bebê, nasce também uma nova versão dessa mulher. Mais madura, mais certa dos seus desejos e sonhos, mais doce e equilibrada. A maternidade pode levar a um profundo conhecimento de si mesma e permite que a mulher possa evoluir como pessoa, se sentir útil, amada, pertencente ao mundo.



O segundo pilar da feminilidade é **EDIFICAR**. Edificar é criar condições para que as pessoas possam viver melhor. É criar uma atmosfera familiar equilibrada para que todos da casa possam se desenvolver intelectualmente, afetivamente e espiritualmente, elevando os filhos ao seu potencial mais elevado, construindo o seu caráter. E embora não seja simples, a maternidade vai transformar essa mulher na sua melhor versão, com erros e acertos e muito amadurecimento.



Mas, se você ainda está em dúvida, propomos algumas perguntas: **o que está por trás da sua aversão à maternidade? De onde vem essa repulsa? Por que não ser mãe?** Este pode ser o começo de uma busca de autoconhecimento que trará muitas respostas.





## Ester Damasceno

 @psi.esterdamasceno

 (34) 9.9932-6810



## Júlia Barbosa

 @dra.juliabarbosa

 (34) 9.9290-4022



Diagramação

## Dois Comunicação

 @comunicadois

 (34) 3842-4896